



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL E ENSINO DE GEOGRAFIA

**GEOGRAFIA DA FEIRA: ESPAÇO, ENSINO E REPRESENTAÇÕES NA  
FEIRA DE AROEIRAS, PARAÍBA**

**ANA DAYANNE SILVA BARBOSA**

CAMPINA GRANDE- PB  
2017

ANA DAYANNE SILVA BARBOSA

**GEOGRAFIA DA FEIRA: ESPAÇO, ENSINO E REPRESENTAÇÕES NA  
FEIRA DE AROEIRAS, PARAÍBA**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento as exigências para obtenção do título de Especialista em Análise Regional e Ensino de Geografia.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. LINCOLN DA SILVA DINIZ**

CAMPINA GRANDE- PB  
2017

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG**

- B238g      Barbosa, Ana Dayanne Silva.  
              Geografia da feira : espaço, ensino e representações na Feira de  
              Aroeiras, Paraíba / Ana Dayanne Silva Barbosa. – Campina Grande,  
              2017.  
              28 f. : il. color.
- Artigo (Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia) –  
              Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.  
              "Orientação: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz".  
              Referências.
1. Ensino de Geografia. 2. Feira Livre. 3. Jovens Escolares. I. Diniz,  
              Lincoln da Silva. II. Título.

CDU 910:37



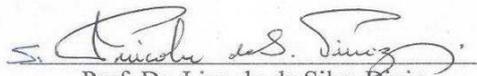
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL E ENSINO DE**  
**GEOGRAFIA**

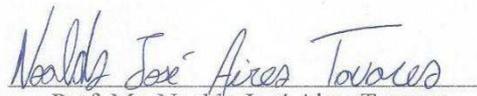
**GEOGRAFIA DA FEIRA: ESPAÇO, ENSINO E REPRESENTAÇÕES NA**  
**FEIRA DE AROEIRAS, PARAÍBA**

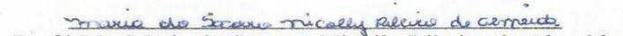
**ANA DAYANNE SILVA BARBOSA**

Aprovada em: 20 de novembro de 2017.

**Banca Examinadora:**

  
Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz  
Orientador – UAG/CH/UFCG

  
Prof. Ms. Noaldo José Aires Tavares  
Examinador Externo

  
Prof.ª Ms. Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida  
Examinador Externo

BARBOSA, Ana Dayanne Silva. **GEOGRAFIA DA FEIRA: ESPAÇO, ENSINO E REPRESENTAÇÕES NA FEIRA DE AROEIRAS, PARAÍBA** p 26. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2017.

### **RESUMO**

Dentre tantas discussões a respeito do ensino de Geografia, uma das mais evidentes é o estudo do lugar e paisagem. Nesse contexto, abre-se espaço para o estudo da feira livre, pois a dinâmica socioespacial das feiras livres no período atual compreende algo ainda evidente nos espaços comerciais de muitas localidades urbanas, especialmente, de pequenos centros urbanos regionais, como é o caso de Aroeiras-PB. Diante disso, o presente trabalho visa estudar as inter-relações que acontecem no espaço da feira livre da cidade supracitada, examinando como os jovens escolares interagem com este lugar através do trabalho de campo, em busca dos conhecimentos geográficos. No desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas revisões bibliográficas sobre ensino de Geografia, estudo do lugar e da feira livre. Além disso, para realização da mesma, utilizamos a pesquisa participante, na qual os sujeitos e objeto se relacionavam mutuamente. Destarte, o trabalho de campo foi uma ferramenta essencial para o processo de conceituação geográfica dos alunos, sendo destacados os conceitos de paisagem e lugar e, por conseguinte, este instrumento contribuiu tanto para a investigação empírica quanto para a construção dos conhecimentos pelos discentes.

Palavras chave: Ensino de Geografia. Feira Livre. Jovens Escolares.

### **ABSTRACT**

Among so many discussions about the teaching of Geography, one of the evidences is the study of the place and landscape . In this context, it opens space for the study of the street market, because the socio-spatial dynamic of the street market in the current period comprises something still visible in the commercial spaces of many urban locations, especially small regional urban centers, as is the case of Aroeiras-PB. Therefore, the present work aims to study the interrelationships that take place in the space of the street market of the mentioned city, examining how the school children interact with this place through the fieldwork, in search of the geographical knowledge. In the development of this research, it was carried out bibliographic reviews about geography teaching, study of the place and he street market. In addition, for the conduct of this research we used the participant research, in which the subjects and the object are mutually related. Thus, the fieldwork was an essential tool to the geographical conceptualization process of the students, with the concepts of landscape and place being detached and, consequently, this instrument contributed to the empirical research as well as to the construction of the knowledge by the students.

Keywords: Geography teaching. Street market. School Children.

## 1 INTRODUÇÃO

A Geografia ao longo do tempo tem ganhado seu espaço, definiu-se como ciência da compreensão da relação do homem-meio seu objeto de estudo é o espaço geográfico. Na atualidade, Suertegaray e Rossato (2010) afirmam que a geografia passa a entender o espaço geográfico como resultado do modo como os homens organizam sua vida sob os aspectos econômicos e sociais.

Trazendo para o contexto escolar, Kaercher (2014) alega que a Geografia, como qualquer disciplina escolar, pode ser fascinante desde que os professores tenham claro o que querem, assim dizer que é fascinante estudar Geografia porque permite uma série de relações com assuntos que envolve o cotidiano.

Vale ressaltar que estamos vivendo em um mundo de grandes mudanças e desafios no contexto global, mas é no local que as transformações se evidenciam. Desse modo, é indispensável estudar a rua, a cidade, a vida urbana, já que a Geografia proporciona ao aluno a possibilidade de ele reconhecer-se como sujeito participante do processo de construção da cidade.

Nesse contexto, ganha espaço a temática feira livre, já que esta pode favorecer estudos diversos para serem trabalhados com os discentes dentro e fora da sala de aula. Tratando dessa temática, Maia (2010) afirma que a feira constitui-se em um importante elemento para o estudo da geografia e também para compreensão do que é cidade e conhecê-la; observar seus movimentos, a distribuição das mercadorias, a disposição das barracas e dos produtos conduzem a uma série de questões que ampliam o conhecimento do conteúdo geográfico: a comercialização, origem dos produtos agrícolas e industrializados, a relação com a produção local, a origem dos comerciantes e consumidores, o lugar do encontro, dentre tantos outros temas.

Diante disto, objetivamos, na realização deste trabalho, estudar as dinâmicas socioespaciais a partir das feiras, especificamente a feira da cidade de Aroeiras-PB, verificando como os discentes do 6º ano B e 6º ano D interagem com este lugar através do trabalho de campo, tendo como foco construir e aprimorar o conhecimento geográfico.

Por isso, buscamos verificar a possível importância da feira para formação, economia e dinâmica da cidade de Aroeiras-PB, identificar as inter-relações que acontecem no espaço da feira; utilizar o trabalho de campo na feira como estratégia para a construção dos conhecimentos voltados para geografia escolar, além de trabalhar o conceito de lugar e paisagem com os jovens escolares.

Para realizar o estudo, escolhemos a Escola Municipal de Ensino Fundamental Jardirene Oliveira de Souza, localizada na Rua João de Souza Barbosa, centro de Aroeiras-PB (funciona em prédio particular), criada no ano de 2002 pelo decreto 163/2002. Atualmente possui 493 alunos do ensino fundamental II (6º ao 9º ano), funciona em dois turnos, com doze turmas de manhã e seis à noite (dessas turmas da noite, duas são do Projeto Educação Para Jovens e Adultos). Ao todo, há 32 professores e 12 funcionários (assistentes administrativos, bibliotecários, porteiros, merendeiras e os responsáveis pela limpeza) e uma diretora, chamada Joselma Caetano do Nascimento.

Cabe destacar que, para a realização da investigação, optou-se por trabalhar com a pesquisa participante, ou seja, os alunos e o investigador estiveram envolvidos com o objeto de estudo. Ao falar desse tipo de pesquisa, Faermam (2014), citando Silva (1986), afirma que a pesquisa participante surge em oposição ao tradicional exigido das Ciências Sociais, organizado em torno do positivismo, no qual se propõe um conhecimento neutro, objetivo, livre de juízos de valores e de implicações sociopolíticas, pautado no distanciamento entre sujeito-objeto.

Faermam (2014) destaca que a produção do conhecimento na pesquisa participante não se faz de modo isolado do sujeito, mas em presença, e implica num compromisso efetivo com suas vivências e necessidades sociais do cotidiano. Destarte, a referida autora acrescenta que:

(...) A pesquisa participante requer uma opção relacionada à cumplicidade entre pesquisador e sujeito pesquisado; para realizá-la, é necessário ter como ponto de partida a clareza de que os sujeitos podem efetivamente ser parceiros, contribuindo para a construção do conhecimento no espaço da pesquisa. Essa opção contrapõe-se à ideia de que os sujeitos são meros informantes, cuja participação se reduz à tão somente transmissão de informações. (FAERMAM, 2014, p.49-50)

Ademais, Donato (2016), ao citar Boterf (1984), afirma que a pesquisa participante também sugere “viver junto”, partilhar o seu cotidiano, a sua utilização do tempo e do espaço: ouvir, ao invés de tomar notas ou fazer registros; ver e observar, ao invés de filmar; sentir, tocar, ao invés de estudar. É, de modo geral, preferível deixar de lado os cadernos de notas, os gravadores e os questionários. Mediante isso, este tipo de pesquisa proporciona àqueles que delas se utilizam inter-relações bem mais próximas, e por este motivo foi escolhido, pois optamos pelo trabalho em conjunto: pesquisadora, discentes e a feira de Aroeiras.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro, há uma discussão sobre o ensino de Geografia, o estudo do cotidiano, os conceitos de lugar e paisagem, bem como a importância do trabalho de campo como instrumento metodológico na apropriação de saberes

geográficos. No segundo capítulo, procurou-se discutir a feira enquanto espaço de vivências e representações, a formação geohistórica da cidade de Aroeiras e sua relação com a prática comercial da feira livre. Por fim, no terceiro capítulo realizou-se a análise empírica sobre a feira da cidade de Aroeiras, com a participação dos educandos, e utilizou-se do trabalho de campo, que nessa situação serviu como estratégia para ajudar na construção de conceitos geográficos a partir da observação espacial, e, por conseguinte, numa relação de teoria e prática.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O ensino de geografia e o conceito de lugar: algumas abordagens**

A Geografia estuda o espaço em que vivemos, tendo grande importância na formação de cidadãos que se inter-relacionam socioespacialmente. Cavalcanti (2008) define a Geografia como uma ciência que se responsabiliza pela leitura da realidade espacial, tendo como objeto de estudo o espaço geográfico. Ampliando para a geografia escolar, a referida autora afirma que:

O ensino da geografia contribui para formação da cidadania por meio de práticas de construção e reconstrução do conhecimento, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como espaço aberto e vivo de culturas. (CAVALCANTI, 2008, p.81).

Diante disso, é de suma importância trazer a Geografia para a sala de aula, de maneira que venha favorecer a prática cidadã, tendo em vista que os discentes são sujeitos ativos nesse espaço geográfico, que diariamente é transformado. É também fundamental que compreendam seu papel neste espaço e saibam atuar de maneira consciente, reconhecendo seus deveres e direitos.

Tratando um pouco do contexto histórico do ensino de geografia, Vesentini (2009) afirma que esse ensino foi mais enfatizado a partir da primeira revolução industrial, período em que se estava construindo os Estados nacionais. Deste modo, havia uma necessidade do ensino geográfico para desenvolver um nacionalismo exacerbado. Neste contexto, com o avanço do Fordismo e com a crescente internacionalização da economia (principalmente após 1945) a geografia escolar sofreu grandes perdas em alguns países, entre estes os Estados Unidos, pois a referida disciplina foi até retirada dos currículos escolares. Outro exemplo foi o do Brasil, porque na época da ditadura militar houve uma junção entre História e Geografia, formando a disciplina de Estudos Sociais.

Vesentini (op. cit.) destaca que a geografia saiu de “cena” para dar lugar a disciplinas ditas profissionalizantes, tendo em vista a necessidade do mercado de trabalho. No entanto, a partir da terceira Revolução Industrial, com as mudanças proporcionadas pela globalização, o quadro começou a mudar, os próprios Estados Unidos, que haviam extinguido o ensino da geografia, começam com um projeto visando combater o “analfabetismo geográfico”. Sendo assim:

A geografia, [...] voltou a ser valorizada enquanto disciplina escolar. O melhor: ficou evidente estudar nos dias de hoje temas normalmente identificados nessa disciplina: globalização e mercados regionais, relações de gênero, migrações e o novo tipo de racismo, geopolítica mundial, desenvolvimento e subdesenvolvimento, organizações internacionais, a urbanização da humanidade (e de nosso país) e seus problemas, agricultura e fome, mudanças climáticas, a água potável no planeta (e em nossa região), os recursos naturais renováveis e não renováveis etc. (VESENTINI, 2009 *ibidem*, p.73)

Torna-se evidente, deste modo, a importância de se estudar a geografia neste século XXI, destacando ainda que, segundo o autor anteriormente citado, o conhecimento geográfico não deve ser meramente restrito a assimilação de conteúdo, conceitos e informações, mas deve implicar no desenvolvimento de hábitos para a cidadania ativa. A geografia é a única disciplina escolar que une o social com o natural.

Cabe ainda expor as colocações de Cavalcanti (2012), quando ela afirma que ensinar a geografia é abrir espaço na sala de aula para trabalhar com diferentes saberes dos agentes que fazem parte do processo de ensino, que são: os alunos e os professores. Reiterando que:

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem espaços, delimitam seus territórios. Assim, vão formando espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e contribuindo para produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construírem geografia, constroem também conhecimentos sobre o que produzem, conhecimentos que são geográficos. Então ao lidar com coisas, fatos e processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo geografias (no sentido de espacialidades) e ao mesmo tempo conhecimento sobre elas. (CAVALCANTI, 2012, p.45)

Outro ponto crucial é entender bem o que Cavalcanti expôs, pois, o professor deve compreender que o aluno e o saber deste é essencial na construção do conhecimento geográfico, tendo em vista que cotidianamente esse discente reproduz o espaço geográfico. Deve-se, assim, quebrar as barreiras de que apenas o professor é dono do conhecimento.

Mediante isso, Cavalcanti (2008) afirma que para que os alunos entendam os espaços de sua vida cotidiana, é necessário que olhar, ao mesmo tempo, para um contexto mais amplo

e global, do qual todos fazem parte, pois isso permitirá a abrangência de uma visão crítica por parte do educando. O que se pode constatar é que o local e o global devem sempre ser estudados em conjunto, pois o que acontece no local tem relação com decisões globais, da mesma forma que é no local que se efetivam as relações globais.

Destarte, a supracitada autora sugere o tema/conceito de cidade para trabalhar com os jovens escolares, explicitando que:

Esse é um conceito que, embora não seja elementar do raciocínio geográfico (...), tem ganhado muita importância na educação geográfica, por ser de fundamental relevância para a compreensão da espacialidade contemporânea e por ser uma possibilidade de trabalhar concretamente com conceitos geográficos básicos, como paisagem, lugar e território. (CAVALCANTI, 2008, p.55)

Cavalcanti (2008) justifica sua sugestão quando afirma que a cidade pode ser estudada como paisagem por meio de alguns elementos configuradores da paisagem urbana, tais como: pessoas e objetos (sons, odores, pelas pessoas e seus movimentos). Na cidade, as pessoas produzem sua vida cotidiana mais elementar, em casa, no trabalho, na escola, no contato com os amigos, e isso se pode relacionar com o conceito de lugar, pois implica a familiaridade, a afetividade, a identidade e a construção da diferença, da diversidade e da desigualdade. Logo, a cidade é um lugar complexo de produção social, no qual a identidade é vivida em fronteiras difusas, com espaços de resistências e exclusões, em que há manifestações de diferentes culturas, e esse fato leva a se pensar a cidade como um território.

Diante disso, e sabendo a relevância de cada conceito geográfico para análise do espaço (enquanto principal conceito da geografia), no presente estudo será trabalhado com todos anteriormente citados (mesmo que de forma sutil, pois um está inter-relacionado ao outro), mas se dará ênfase ao conceito de lugar e paisagem.

Ao tratar de lugar, Cavalcanti (2012) alega que esse conceito na Geografia adotou inúmeras interpretações, tendo sempre a necessidade de adjetivá-lo, a saber: lugar da existência, da coexistência, da co-presença, da solidariedade, do acontecer solidário, da dimensão do espaço cotidiano, do singular e do subjetivo. Dentro desse contexto, o lugar, de maneira geral é um espaço sensato, isto é, apropriado ao nosso sentido, um espaço que nos convém, um espaço sensível.

Para Callai (2009) muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens magníficas, nos deslumbramos por cidades distantes, somos informados sobre acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos.

A referida autora explica que na literatura geográfica o lugar está presente de diversas formas, e estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam em lugares específicos. Logo, “[...] o espaço constituído resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer.” (CALLAI, 2009, p.84).

Callai (2009) enfatiza que num tempo em que se fala tanto em globalização, a questão do lugar assume contornos importantes, pois é em lugares específicos que esse processo se concretiza. “E na mesma medida em que ocorre este movimento de globalização, que tende a homogeneizar todos os espaços, a diferenciação, pelo contrário se intensifica, pois, nos grupos sociais, as pessoas não reagem da mesma forma. Cada lugar vai ter marcas que lhe permitem construir a sua identidade.” (CALLAI, p.107).

Nessa conjectura, Callai (2009) questiona: Como estudar o lugar? E justifica que para compreendê-lo faz-se necessário observá-lo e descrevê-lo, e isso pode acontecer através do uso de fotografias, filmes, mapas, visitas orientadas, passeios. Outro ponto a se destacar é que para estudar um lugar deve-se usar da comparação e correlação (tarefas que se usam após a observação e descrição); essas tarefas são utilizadas para levantar semelhanças e diferenças no interior do referido lugar, como também dele em relação a outros lugares. Trata-se do caminho para se desvendar características específicas de cada lugar, diferenciando-o dos demais. O último passo é estabelecer conclusões, organizando dados, levantando hipótese e interpretando.

Destarte, todos esses processos levam à estruturação de um espaço com marcas específicas e características que o identificam. Logo, aparecem outros conceitos essenciais para a análise de um lugar: o conceito de identidade, pois o conjunto de costumes, valores e tradições estruturam a identidade de um dado lugar; e o de cultura, pois esta é importante para a compreensão do lugar e laços que os indivíduos têm entre si, e ajudando a entender a história.

Correlacionando o ensino de Geografia e o estudo do lugar, Callai (2009) aponta que este tipo de estudo propicia ao aluno o processo de desenvolvimento de conhecimento da realidade em que ele (discente) está inserido. Facilita o entendimento desse espaço, mostrando como as populações vivem e trabalham. Analisar a cidade, o bairro, a rua, e todos os fatores que os compõem ajuda na formação do educando, afinal, quando pensamos o espaço, a partir do lugar, é possível descobrir o mundo, tendo a possibilidade de construir com os estudantes um método de análise espacial que favoreça a construção da cidadania.

Adentrando um pouco no conceito de paisagem (também trabalhado nesse estudo), sua conceituação remete-se ao século XIX na ciência geográfica, porém, mesmo antes de se ter uma

conceituação, o ser humano já fazia história desde os tempos pré-históricos, e consequentemente modificava a natureza, construindo e reconstruindo paisagens, transformando paisagens naturais em paisagens artificiais. Mas, afinal, o que é paisagem? É tudo aquilo que a visão alcança, mas não é só com a visão que se pode sentir a paisagem, é possível também mediante os outros sentidos, o olfato, o tato, a audição. Como afirma Santos (1988. p. 21.): “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”. Para os autores Verdum e Puntel (2010), a paisagem pode ser concebida como o conjunto das formas que caracterizam um determinado setor da superfície terrestre.

Verdum e Puntel (2010), citando Carlos (2001), afirmam que é possível pensar o lugar tendo como ponto de partida a paisagem, pois a leitura da paisagem mostra a realidade de um lugar ou espaço em um determinado momento, e cada pessoa vê a paisagem a partir de uma visão conforme seus interesses, concepções e experiências. Santos (1988. p. 22.) enfatiza isso dizendo: “[...] a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada”. Ao observar o discurso presente nas citações, entende-se que cada pessoa pode analisar a paisagem de uma forma diferente, ou seja, a visão de um geógrafo é diferente da de um matemático; um turista não observa da mesma forma que um residente, e assim por diante. Ademais, a paisagem não é estática, sendo frequentemente transformada pelas ações antrópicas.

Diante de toda essa discussão envolvendo ensino de geografia e conceitos geográficos, um bom tema a ser trabalhado com os educandos, como já citado anteriormente, é a cidade, pois, quando observamos essa temática, percebemos a infinidade de coisas que se pode trabalhar em sala de aula: o bairro, a rua, a desigualdade social, a economia, saúde.

Desse modo, surge um questionamento: como se está trabalhando geografia com os jovens escolares? O tema cidade tem sido trabalhado? Será que espaços do cotidiano, como, por exemplo, o das feiras locais, são estudados nesta disciplina?

Nessa conjectura, objetivamos discutir a *Geografia da Feira*, com ênfase a Feira de Aroeiras-PB<sup>1</sup>, verificando como os jovens escolares interagem com as diversas paisagens

---

<sup>1</sup>Ao tratar da área de estudo, o município de Aroeiras localiza-se na Microrregião de Umbuzeiro no Agreste paraibano e está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro. Apresenta uma área geográfica de 374 km<sup>2</sup> e uma população de 19.259 habitantes, sendo 9.583 habitantes na área urbana e 9.551 habitantes na

presentes neste lugar, através do trabalho de campo, na construção dos conhecimentos geográficos.

### **2.1.1 O trabalho de campo e o ensino de geografia: a relação teoria e prática**

Ao tratar sobre trabalho de campo, Alentejano e Rocha-Leão (2006) afirmam que desde os primórdios da Geografia os trabalhos de campo são parte fundamental da forma de trabalhar dos geógrafos. Deste modo, a própria sistematização da Geografia enquanto ciência se associa intimamente a relatórios de campo elaborados anteriormente por viajantes, naturalistas e outros.

Alentejano e Rocha-Leão (2006) defendem também que trabalho de campo não deve se ater ao mundo do empírico, mas ser um momento de teoria-prática, pois sem teoria o trabalho de campo torna-se banalizado. Os referidos autores destacam ainda que muitas das vezes os professores de ensino fundamental e médio levam os alunos para um determinado lugar sem antes teorizar em sala de aula (tratar sobre o assunto, orientar sobre o que deve ser feito no lugar em que vai desenvolver o trabalho de campo) e isso pode levar o estudo a se tornar um mero passeio turístico. Outro defensor do trabalho de campo é Lacoste (2006), quando afirma que a pesquisa de campo é uma importante e necessária técnica para o desenvolvimento de uma melhor percepção sobre o ambiente estudado.

Já Kaiser (2006) destaca que sem o trabalho de campo não se pode falar nada, pois não tem como provar as teorias sem conhecer a situação real. Marcos (2006) acrescenta que para se fazer um bom estudo de campo participativo, deve-se deixar os pré-conceitos de lado, conhecer os hábitos e costumes da população estudada, e isto se intensifica se for uma pesquisa que necessite de informações obtidas através de pessoas.

Nesse contexto, entendendo a importância dessa ferramenta, ela será utilizada no desenvolver da presente pesquisa, pois, como já citado anteriormente, o trabalho de campo é essencial para melhor compreensão do ambiente estudado, uma vez que a teoria e a prática são indissociáveis, devem ser ações complementares.

No entanto, sabe-se da necessidade de um planejamento antecipado com a participação efetiva dos estudantes, pois estes já devem ter um conhecimento prévio sobre a localidade a ser estudada, bem como posteriormente necessita-se de uma análise com a participação deles referente ao que foi observado na ida a campo, com o intuito de trabalhar os conceitos

---

área rural (IBGE, 2013). O município localiza-se no Planalto da Borborema, nas coordenadas geográficas de latitude 07° 32' 43" S e 35° 42' 27" W.

geográficos de forma dinâmica e, por conseguinte, favorecer uma melhor apropriação desses conceitos.

Diante disso, sabendo que o espaço da feira é cheio de cores e movimentos (a pensar nos fixos e fluxos), torna-se um lugar propício para os estudantes analisarem esse espaço, fazendo as devidas interpretações sobre as inter-relações que ocorrem no ambiente da feira.

### **3 A FEIRA ENQUANTO ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES**

Em meio a tantos estudos voltados para um ensino que trabalhe a realidade do aluno, dentro da temática cidade encontramos a feira livre. Mas por que estudar a feira? O que feira livre tem de interessante para o ensino de geografia nas escolas? Essas indagações podem claramente ser respondidas ao observarmos os argumentos seguintes.

De início, sabe-se que as feiras<sup>2</sup> são espaços dinâmicos e comuns em inúmeras pequenas cidades interioranas. Mesmo em meio a grandes transformações no comércio e no consumo, ocorridas nas últimas décadas, as feiras não perderam completamente o seu caráter tradicional comercial e cultural, bem como a sua influência em localidades urbanas interioranas. Quanto a sua definição, Nascimento (2011) afirma que o termo feira designa lugar público onde são comercializadas mercadorias, ou seja, é um lugar onde se estabelecem diversas formas de comércio, como: açougues, cerealistas, hortifrutigranjeiros, entre outras formas comerciais.

Para Vieira (2004), a feira livre constitui-se uma prática comercial muito antiga, que garante o suprimento de gêneros alimentícios das cidades nordestinas. Embora percebida como modelo comercial “ultrapassado”, que preserva características medievais, as feiras promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia das pequenas cidades interioranas.

Sabe-se também que está sendo vivido um contexto de inovações e transformações na economia, e em meio a intensas inovações, as atividades comerciais das feiras, enquanto atividades pertencentes ao circuito<sup>3</sup> inferior da economia urbana (pois na economia superior

---

<sup>2</sup>É muito comum também a utilização da expressão “feiras livres” pelas populações que a frequentam. Acredita-se que esta denominação está intimamente relacionada às próprias características destes espaços comerciais, enquanto comércio realizado de forma “espontânea” em ruas, calçadas, praças e terrenos, bem como pelas formas amigáveis de comercialização (sociabilidade).

<sup>3</sup> Santos (2008) divide a economia em dois circuitos: O superior e o inferior. O superior originou-se diretamente da modernização tecnológica, esse comércio moderno realiza-se através de uma gama de estabelecimentos que vão das grandes lojas, supermercados até hipermercados, englobando grande quantidade de produtos e número considerável de consumidores até as lojas que oferecem um pequeno número de artigos de luxo a uma clientela

enquadram-se os supermercados, hipermercados e redes de lojas), mesmo sofrendo profundas transformações, ainda exercem influências nas dinâmicas econômicas locais e regionais. Sobre o papel destas atividades comerciais tradicionais e numerosas, Santos (2008, p.22) explica que: “O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é [...] bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região”. As principais características desse circuito são: o lucro de subsistência (geralmente o lucro é voltado para sobrevivência do comerciante e família); o trabalho é fator essencial (no circuito superior o fator essencial é o capital); o emprego é mal remunerado e instável, no entanto não exige uma qualificação, por conta da mão de obra barata e do pouco investimento de capital, não sendo difícil começar um negócio.

Santos (2008, p. 228) afirma que “os elementos essenciais do funcionamento do circuito inferior são o crédito, os intermediários financeiros e o dinheiro líquido”. O crédito é indispensável, tanto para os agentes como para os consumidores. Para os primeiros porque é a única possibilidade de ingressar ou manter-se na ativa, e para os segundos o crédito possibilita o acesso ao consumo. Ao tratar sobre os intermediários, estes têm a função de fornecer o crédito aos comerciantes e artesãos, mais frequentemente em mercadorias, mas também em dinheiro. Por fim, o dinheiro líquido assegura diversas funções dentro do circuito inferior, pois representa os pagamentos que são indispensáveis tanto ao consumidor final como aos comerciantes, para obterem novas mercadorias.

Ao referir-se a feira como atividade comercial pertencente ao circuito inferior, Araújo (2011) afirma que no passado a feira era praticamente o único local de abastecimento que “servia a todo mundo” indistintamente. A única diferença eram os horários. Os pobres frequentavam de “tardezinha”, pois os preços das “sobras” eram mais baratos. No entanto, com a chegada dos novos lugares de consumo (supermercados, shopping Centers) as feiras perderam parte de seus fregueses economicamente favorecidos para esses novos lugares. Cabe destacar que, para os menos favorecidos, a feira continuou sendo a “principal” opção, em função dos preços menores dos produtos. Conhecida como “lugar de pobre”, neste espaço comercial se permite ainda a prática da pechincha entre grupos sociais de menor poder aquisitivo.

---

selecionada. As atividades do circuito Superior dispõem de crédito bancário, os preços são geralmente fixos e tem como meta principal alcançar grandes quantidades de lucros. Santos (2008) destaca que “A atividade do circuito superior tende a controlar a economia por inteiro. Isso é mais particularmente verdadeiro nas cidades de escalão superior. Esse controle é exercido seja diretamente, seja por intermédio do Estado. Quanto ao Circuito inferior, tende a ser controlado, subordinado, dependente.” (p.47)

Santos (2013) afirma que as feiras livres brasileiras, com destaque as “feiras nordestinas”<sup>4</sup>, tiveram um relevante papel para a produção do espaço de diversas cidades, e ainda são responsáveis pelo aparecimento de diversos núcleos urbanos. Ademais, são significativas para compreender a produção do espaço em que algumas cidades brasileiras, com ênfase às pequenas, que se caracterizam pela centralidade que exercem.

Nas análises de Dantas (2008), as feiras estão profundamente envolvidas nos sistemas de mercado regional. Nesse contexto, muitas vezes elas deixam de ser um fato rotineiro, para assumir um papel de destaque, sendo, às vezes, difícil diferenciar até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira.

Dantas (2008) acrescenta que, quando se observa a dinâmica sócioespacial das cidades nordestinas, não se pode negligenciar a importância que as feiras possuem, não apenas para os grandes centros regionais. Mesmo com a difusão de modernos equipamentos de comércio e consumo pelas cidades, as feiras permanecem como um elemento que marca a paisagem das cidades, em praticamente todos os espaços da região do Nordeste brasileiro, influenciando a dinâmica sócioespacial desses núcleos urbanos.

Ao tratar dessa atividade no contexto atual, Araújo (2011) explica que os fregueses buscam as feiras na atualidade para adquirir mercadorias não só mais baratas, mas também para estarem de acordo com o que a moda, ou o mercado consumidor, “exigem”, já que na feira encontram-se cópias de “artigos de luxo”. Diante disso, os feirantes se adequam à dinâmica global, adotando estratégias para permanência de suas atividades. Tal adequação ocorre de forma parcial.

Araújo (2011, p.8-9) afirma ainda que “[...] a sobrevivência das feiras na contemporaneidade deve-se a uma relação dialética entre a transformação, adaptação e permanência, estratégias de resistências aos sujeitos no contexto da globalização”. Com isso, percebe-se que a feira tem se adaptado, em alguns aspectos, às exigências da modernidade, permanecendo atuante entre importante parcela da massa consumidora de baixa renda.

Como já observado anteriormente, a feira é uma atividade comercial de grande importância para cidades interioranas, no entanto, deve-se observar inclusive o “universo” de estudos que ela pode nos propiciar, pois não deve ser vista apenas no contexto econômico, mas

---

4 Denominam-se feiras nordestinas as feiras localizadas em municípios da região Nordeste do Brasil. Há também feiras nordestinas em outras regiões brasileiras, sobretudo, em grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro. Um dos elementos que caracterizam estes tipos de espaços comerciais, diferenciando dos demais, é a existência de produtos típicos desta região, como: artesanatos diversos, produtos alimentícios, arte e literatura.

também no contexto social e cultural em que ela está inserida, através dos valores e significados que representa para os feirantes, fregueses e, por conseguinte, cidade. Nessa perspectiva, Araújo (2011) defende a ideia de que a feira ainda se constitui como um depositário de valores, expressões, tradições e transformações que ressignificam a todo instante as visões e a memória dos que a frequentam, como um lugar de compra e venda de mercadorias.

No contexto da feira como lugar de vivência, Domingues (2011) explica que na vivência da feira é possível compreender a dinâmica e a essência cultural presente nela, pois a paisagem é modificada, não apenas no que a visão alcança, mas sim pelo colorido, cheiro e sons, através do tumulto das conversas, dos gritos dos feirantes que divulgam seus produtos, das apresentações artísticas, que vez por outra são vivenciadas, alegrando o ambiente dos que por ali passam. Além do mais,

Para realização das feiras é necessário todo um processo de produção, compra, o transporte de mercadorias, mas também de montagem das barracas, de organização e de armazenamento de produtos, tudo isso fruto de um trabalho que muitas vezes passa de geração para geração, mantendo a tradição familiar, como também o dia-a-dia e a sobrevivência de muitos. (p.31)

Domingues (2011) também afirma que a feira nos oferece diferentes olhares e inúmeras compreensões quando analisada, pois é notável que em meio à comercialização de mercadorias afluem marcas culturais muito fortes, dentre elas, a maneira como o comerciante divulga sua mercadoria, gritando, cantando e até fazendo poesia, visando atrair o freguês. Com isso, os feirantes passam a conhecer seus fregueses e suas preferências; com o cuidado de não perder o freguês, o feirante busca agradá-lo com uma cortesia ou desconto. Desse modo, gera-se uma amizade entre o feirante e o freguês, o que faz da feira não apenas um espaço de comercialização, como também um ambiente do encontro e lazer.

Logo, a feira não existe apenas como um espaço mercadológico, mas também de aspectos sociais, culturais e de identidade. Boechat e Santos (2009) destacam que “(...) pode-se verificar a importância da feira livre no cotidiano de uma comunidade, e como a relação com este espaço torna a feira um local de vivência único e diversificado em virtude dos diferentes objetivos que direcionam as pessoas para a feira.”(p.2). Isso significa que há múltiplas razões que levam as pessoas a buscarem o ambiente da feira, pois, quando nos referimos à feira, sabemos que é um espaço de várias especialidades, de movimento, de sons, colorido e cheio de identidades.

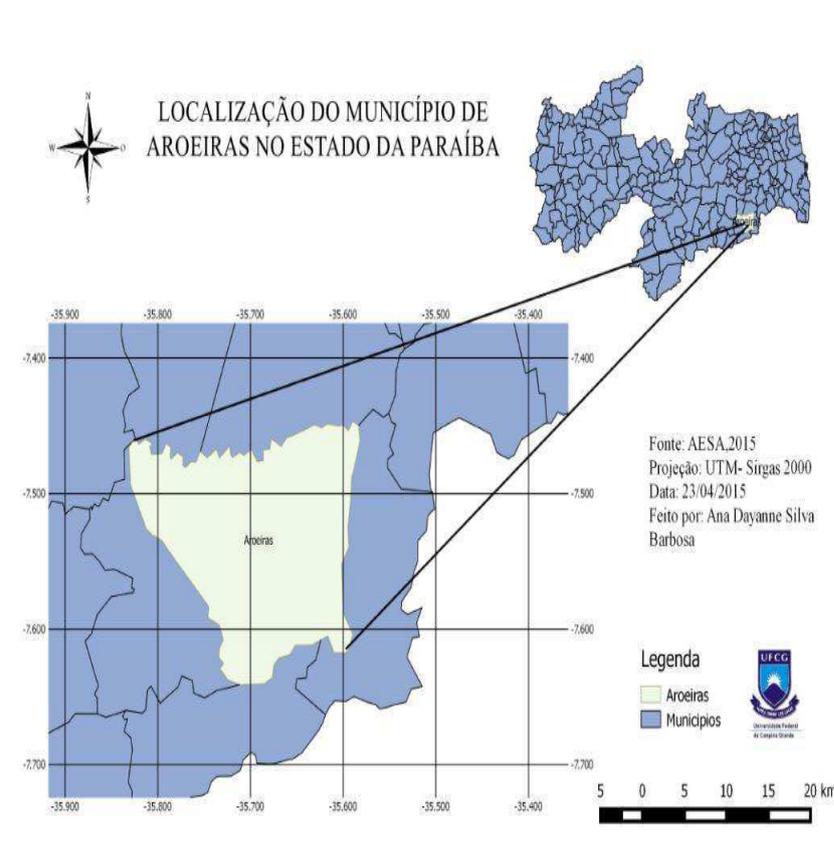
Boechat e Santos (2009) acrescentam que todos têm uma história de identidade e origem, e em junção com esta, em alguma lembrança, a feira se faz presente, seja no âmbito do

lazer, alimentar ou na historicidade local. Quanto às relações de identidade entre os participantes, variam de acordo com cada indivíduo, alguns vão tradicionalmente comprar, outros se divertem, passeiam, se encontram, e vários outros interesses que cabem perfeitamente no contexto da feira, já que é um local diversificado humanamente, e sujeito às variadas sociabilidades, as quais promovem as enriquecedoras trocas de saberes.

Diante do que foi exposto, é perceptível a importância do estudo da feira para a geografia e para se ensinar geografia, pois essa atividade comercial, além de ser muito antiga, faz-se presente em muitas cidades, e já que a geografia se apodera da ideia de ensinar o que faz parte do cotidiano do aluno, vêm-se relevantes tais abordagens. A feira de Aroeiras, objeto desta pesquisa, constitui um espaço essencial para a compreensão da cidade, sobretudo, na atualidade, uma vez que guarda várias temporalidades, práticas diversas, tendências e ressignificações.

### **3.1 A formação geohistórica da cidade de Aroeiras e da sua feira livre**

De acordo com Barbosa (2015), assim como outros municípios do interior nordestino, a ocupação de Aroeiras, pequeno município paraibano (Mapa 01), possui uma intrínseca relação com as atividades comerciais e pecuárias; isso é perceptível a partir do surgimento da cidade (sede municipal) que ocorreu depois da instalação da feira.



**Figura 1: Localização do município de Aroeiras-PB**  
**Fonte: BARBOSA (2015)**

Com relação ao comércio e a formação da cidade, Barbosa (2015), citando Souza (2009), afirma que o desenvolvimento das atividades comerciais que ocorreram em Aroeiras, não diferente de outras sociedades, teve início na forma de escambo, ou seja, trocas de mercadorias que ocorriam no Sítio Manoelas. No entanto, as atividades comerciais desenvolvidas nessa localidade tiveram prejuízo quando chegou para fazer parte desse novo cenário o senhor Antônio Gonçalves de Andrade, que, tendo vindo do estado de Pernambuco, edificou sua casa próxima a um riacho, considerado um lugar promissor, o qual mais adiante se tornaria a sede do município. Nesse contexto, a feira começou a realizar-se próxima à residência do supracitado senhor, e assim foi evoluindo o povoado, tornando-se posteriormente a atual cidade de Aroeiras.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014) descrevem que a feira contava com participação de moradores de toda a região, o que favoreceu seu crescimento, e logo surgiram novas casas residenciais, formando um núcleo populacional que mais tarde foi elevado à categoria de Vila, pertencente ao município de Umbuzeiro, e posteriormente foi criado o distrito com a denominação de Aroeiras, pela lei municipal nº 12,

de 25-10-1905. E elevado à categoria de município com a denominação de Aroeiras, pela lei estadual nº 980, de 02-12-1953. Cabe ressaltar que, na época, não havia uma estrutura urbana “organizada”. Aroeiras atualmente possui um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de 4.743,73 reais e um índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,548, considerado médio, de acordo com os padrões de classificação.

Nesse contexto, a feira foi essencial para a formação da cidade e consolidação do município de Aroeiras, pois foi através do comércio que foram surgindo residências, formando um núcleo populacional até ser elevado à categoria de Vila, Distrito, e, por conseguinte, Município, cuja sede também é denominada Aroeiras.

Percebeu-se, através das informações anteriormente citadas, que não se pode falar de origem da cidade, nem do seu desenvolvimento, sem mencionar a feira que continua influenciando o dinamismo local, no que se refere a aspectos econômicos e sociais. Isso pode ser comprovado através das análises de Barbosa (2015), quando afirma que mesmo com o passar dos anos, a feira de Aroeiras continua sendo dinâmica e atrativa, pois no dia da feira é notável a presença de comerciantes de outros municípios (Natuba, Umbuzeiro, Gado Bravo, dentre outros), bem como o grande fluxo de pessoas, transportes, e, por conseguinte, mais consumo. Além do mais, nessa feira há uma grande diversidade de produtos, desde o chapéu de palha, a panela de barro até celulares, roupas. Tal diversidade de mercadorias atrai constantes fluxos de consumidores ao local da feira.

## **4 OS ESTUDANTES DA ESCOLA JARDIRENE OLIVEIRA DE SOUZA E A FEIRA DE AROEIRAS: ATIVIDADE DE CAMPO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

A realização de um bom trabalho de campo requer planejamento das atividades e etapas a serem desenvolvidas. Mediante isso, fizeram-se explicações conceituais de cunho geográfico, as quais veremos a seguir.

### **4.1 Preparação Para o Trabalho de Campo**

O primeiro passo foi procurar a direção da escola e falar com a professora de Geografia. A diretora, de forma receptiva, forneceu informações sobre a escola e se dispôs a cooperar com o que fosse necessário para a efetivação das atividades. E a professora sugeriu as turmas a serem coadjuvantes nesse trabalho, que foram o 6º ano B composta por 28 alunos e o

6º ano D com 30 alunos (esta última todos os discentes são repetentes). Ademais, já foram trabalhadas com esses discentes as categorias paisagem e lugar.

Nesse contexto, para não iniciar o contato com a turma de forma desconectada com o que já estava sendo estudado em sala de aula, solicitou-se os conteúdos que a professora tinha trabalhado com os alunos, e verificou-se que era *atividades econômicas*, o que calhou bem para um início de discussão com as turmas.

Com isso, apresentamos o objetivo do trabalho às turmas, e elas se propuseram a realizar as atividades. Posteriormente, realizamos uma discussão referente a atividades econômicas e o papel da feira livre nas cidades interioranas, como também a influência da feira no contexto regional (a nível de Nordeste). Em seguida, foi colocada a música de Luiz Gonzaga, denominada *a feira de Caruaru*; percebemos que eles identificaram utensílios que também se vendiam na feira de Aroeiras, o que se tornou um momento muito proveitoso, pois favoreceu o conhecimento acerca do lugar estudado. Quando questionado se os pais deles já foram ou frequentam o ambiente da feira, as respostas foram unânimes, pois a maioria frequenta e todos já conhecem esse espaço. Observa-se nas imagens 2 e 3 o trabalho prévio realizado com os discentes.



**Figuras 2 e 3: Preparação para o Trabalho de Campo**  
**Fonte: BARBOSA (2017)**

Logo após, em outro momento com as turmas, foram levadas fotos impressas da feira de Aroeiras, e pediu-se que observassem as imagens, e com isso levantamos uma discussão a respeito de paisagem. Foi um momento muito proveitoso, os alunos iam descrevendo o que lhes chamou atenção no recorte, como as cores, as pessoas, os utensílios. Um falou: “professora, essa foto foi tirada em 2015”; aproveitamos o ensejo para discutirmos as mudanças que ocorrem

na paisagem, ou seja, que ela não é estática, falamos também sobre a identificação da paisagem através dos demais sentidos.

Dando continuidade, procuramos resgatar o conceito de lugar, levando em consideração a casa, o quarto, a escola, a cadeira que cada um gosta de se sentar, e levando para o contexto da feira, a relação do feirante com sua banca, com os fregueses e vice e versa, ou seja, os laços afetivos que os comerciantes e fregueses possuem com o espaço da feira. Após toda essa discussão, dividimos as turmas em grupos, e ficando cada grupo com uma tarefa específica a ser realizada na feira, deixamos data e horário programados. Além disso, como os alunos são menores de idade, encaminhamos aos responsáveis pedidos de autorização da ida ao local de estudo e da reprodução de imagens dos mesmos. Com tudo pronto, realizamos nosso trabalho de campo.

#### **4.2 O trabalho de campo**

A realização do trabalho de campo ocorreu no dia 29/07/2017; no sábado (o sábado é o principal dia que acontece a feira, há algumas datas do ano em que ocorre em outros dias, mas são raras exceções, tais como: Feriados municipais, e festividades juninas e de final de ano); às 08h30min nos reunimos em frente ao prédio da escola, em seguida, como sugerido anteriormente, dividiu-se os alunos em grupos para melhor estudo do espaço e, por conseguinte, ter um melhor aproveitamento da reação deles ao observarem o espaço, e solicitou-se que eles realizassem registro fotográfico e anotações, conforme tinha-se discutido em sala de aula. Explicamos também a eles que antes que fotografassem ou perguntassem alguma coisa, se identificassem e pedissem permissão. Houve uma rápida retomada das discussões realizadas em sala de aula, objetivando examinar o que eles conseguiram compreender sobre a identificação e elementos voltados para análise da paisagem, bem como as inter-relações mantidas no espaço em estudo.

Inicialmente, o que nos chamou atenção foi o fato de como eles identificaram a paisagem; um aluno logo falou: *“Olhe ai, professora, o barulho do carro da pamonha, vou tirar foto dele.”*, e rapidamente pediu permissão para fotografar; outra aluna: *“Vou tirar foto daqui não, vou tirar daquele banco, olha como tá bonito.”*, e pouco a pouco fomos identificando afirmações, tais como: *“Vou tirar foto do frango, a senhora num disse que coisas feias também são paisagem.”*, *“Quero tirar foto dos chocalhos, eles não vendem nos mercados.”*, *“Olha ai, as Kenner são bonitas.”*. Mediante isso, temos clareza de que estamos trabalhando um dos conceitos da Geografia denominado paisagem, pois, como já citado anteriormente por Santos (1988. p. 21.), *“Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode*

ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. Observar as figuras 4 e 5.



**Figura 4 e 5: Carro da pamonha e banca de frutas**  
**Fonte: SENA e PEDRO (2017)**

No decorrer do estudo, um aluno disse: “*Vamos tirar foto do povo, professora, eles também fazem parte da feira, olhe ali os moto-táxi.*”; percebeu-se que ele observou os fluxos de pessoas que estavam ocupando o espaço, e quando falamos desse tipo de prática comercial, devemos levar em consideração os fixos e os fluxos, pois, no que se refere ao espaço estudado, há grande movimentação (fluxos). Além do mais, Santos (1997, p. 78) destaca que a produção, a circulação, a distribuição e o consumo, para serem estudados, necessitam dos dois elementos: fixos e fluxos, já que “fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente”, dando forma e vida ao espaço, e na feira isso é bem perceptível, pois há um grande movimento de transportes (que trazem mercadorias para a feira, fregueses do sítio para comprarem na cidade, pessoas que vendem e que compram na feira), como também no dia de feira há maior movimentação nos supermercados, porque as pessoas que moram na zona rural aproveitam o transporte que vem para a cidade no dia de feira para realizarem suas compras. Diante disso, observamos uma relação de coexistência. Verificar figura 6 e 7.



**Figura 6 e 7: Fluxos de pessoas no espaço da feira**  
**Fonte: LIMA e SILVA (2017)**

Dando continuidade ao trabalho de campo, também houve uma entrevista dos alunos com um dos feirantes, com o intuito de observar a identidade do feirante com o lugar (figura 8). Foram realizados os seguintes questionamentos [em negrito], seguidos das respostas [em itálico]: **A feira é importante para o senhor?** “*Sim, ela é muito importante, daqui tiro algum ganho pra a família e é tradição, né...*”; **Quanto tempo o senhor trabalha na feira?** “*Em média, de quinze a dezoito anos, umas seis horas todo sábado.*”; **Se a feira acabasse, em que o senhor trabalharia?** “*Eu tenho a profissão de servente de pedreiro, mas num tem serviço todo dia, se a feira acabasse, seria mais difícil pra mim, porque a gente já tá acostumado com a feira e pretende dar continuidade, eu ia sentir muita falta.*”; **Algum membro da sua família trabalha na feira?** “*Só Jamin, que me ajuda.*” (Jamin é um dos filhos dele).



**Figura 8: Entrevista com um feirante**  
**Fonte: BARBOSA (2017)**

Após a observação das falas do feirante, torna-se evidente o apego que ele tem com seu trabalho na feira, de maneira que ele não só expressa sua necessidade financeira, mas também afirma que para ele a feira também é tradição e que faz um bom tempo que ele trabalha naquele espaço; por conseguinte, esse feirante, no decorrer dos anos, foi estreitando laços afetivos não só com o espaço, mas com outros feirantes e fregueses. Evidencia-se que estamos lidando com o conceito de lugar, nesse contexto (CALLAI,2009, p.119/120):

Cada lugar tem uma força, uma energia, que lhe é própria e que decorre e que decorre do que ali acontece. Esta não vem de fora, nem é dada pela natureza. É resultado de uma construção social, na vivência diária dos homens que habitam no lugar, do grau de consciência das pessoas como sujeitos de um mundo em que vivem, e dos grupos sociais que constituem ao longo de sua trajetória de vida. É resultado do somatório de tempos curtos e de tempos longos que deixam marcas nos espaços. E são também resultados do amálgama dos fixos e dos fluxos (tratados por Santos).

Após a aula de campo, retornamos à escola, e nos dias de aula com as turmas, pedimos que dissertassem sobre nossa aula de campo, buscando resgatar mais sobre os conceitos geográficos trabalhados.

#### **4.3 Retomando os conhecimentos geográficos**

Após o estudo de campo, tivemos a retomada dos conhecimentos obtidos no espaço da feira. De início, eles comentaram que o estudo foi muito bom, questionaram a possibilidade de outra ida, comentaram sobre muitas coisas que viram, a grande movimentação de pessoas, de carros, motos, as lojas, as bancas, as cores, os cheiros, a variedade de coisas que se vende naquele espaço, inclusive um falou: *“Eu vi, professora, eu vi um objeto que não vende no Souza<sup>5</sup>, os chuchalhos das vacas.”*. Além disso, houve uma retomada sobre a entrevista com o feirante, e ficou bem claro para eles a importância da prática comercial para o vendedor; ouvimos algumas expressões ditas pelos alunos, tais como: *“Ele ia ficar muito triste se a feira acabasse, professora.”*, *“Num sei como ele consegue passar tanto tempo naquele barulho, só sendo acostumado mesmo.”*, *“Ele gosta de lá, já é acostumado.”*. Houve um espaço de diálogo muito rico, em que eles puderam descrever um pouco sobre uma aula diferente.

Levando em consideração as afirmações anteriores, podemos constatar o que afirma Oliveira (2014), quando aponta que o estudo do meio, diferente do estudo estático baseado em livro didático, proporciona um maior interesse por parte dos discentes em aprender, observando e fazendo leituras do espaço geográfico com sua dinâmica e diversidades. Diante disso, vimos

---

<sup>5</sup> Nome de um dos supermercados da cidade.

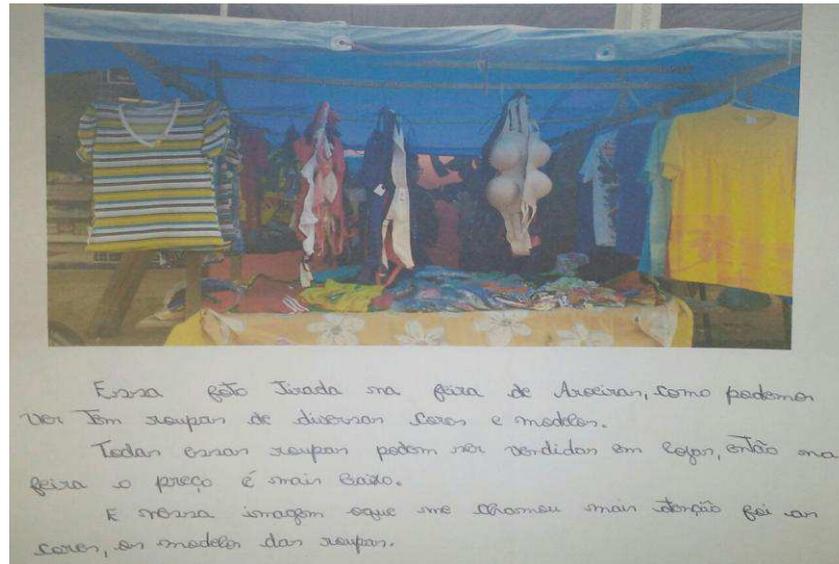
o quanto é proveitoso buscar novos caminhos para incentivar os discentes a conhecerem mais sobre a cidade em que vivem, bem como ajuda-los a compreender mais os conceitos da Geografia.

Mediante isso, percebeu-se que eles utilizaram todos os sentidos para a análise do espaço da feira, bem como puderam perceber as relações que acontecem no ambiente estudado. Vejamos a seguir as observações que a aluna fez referente ao seu registro fotográfico.



**Figura 9: Descrição dos elementos da paisagem**

Percebemos com o relato da aluna que ela faz alusão às cores, à beleza das verduras, valendo-se do sentido da visão e audição, pois afirma que as pessoas estavam conversando, e ainda ressalta a importância do comércio. Seguindo com as observações, as imagens 10 e 11 focalizam, principalmente, sobre as cores presentes na feira, através da observação da paisagem; o sentido visão é primordial para descrever a beleza, as formas e as cores das roupas e calçados comercializados na feira.

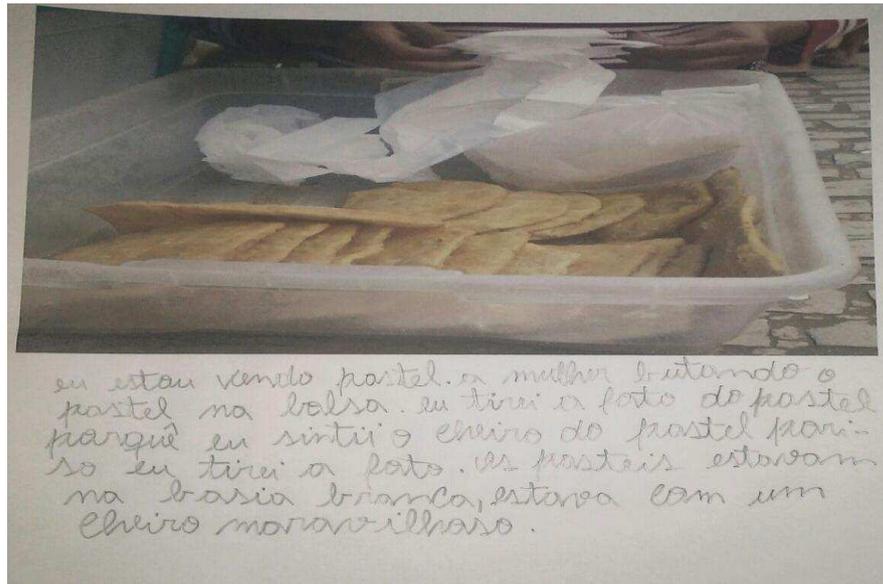


**Figura 10: Cores e modelos da paisagem**



**Figura 11: A beleza e o colorido da paisagem**

O texto apresentado na figura número 12 chama a atenção pelo fato de que, para análise da paisagem, se utilizou do olfato, isso é bem notável na escrita da aluna: “(...) estava com cheiro maravilhoso”, em que não mencionou beleza, mas não deixou de descrevê-la, já que a paisagem vai muito além do que a visão pode abarcar, ela é composta por outros elementos, e o cheiro (seja agradável ou não) é um deles. Ademais, a aluna comprou pastel para seu lanche.



**Figura 12: Percepção da paisagem pelo cheiro**

Diante disso, identificamos o quanto foi proveitoso as aulas prévias em que não se discutiu só sobre lugares distantes da realidade dos alunos, mas falou-se sobre a cidade que eles fazem todos os dias, a paisagem que muda a cada minuto e que eles fazem parte dessa mudança. Podemos afirmar que os assuntos vistos em sala de aula, a visita ao espaço da feira, bem como a retomada dos conhecimentos, foram de grande importância, pois, além de possibilitar uma aula diferente, auxiliou na melhor compreensão de conceitos importantes da geografia, como os de lugar e paisagem.

Nesse contexto, Oliveira (2014, p.160-161) afirma que:

Superar práticas de ensino reducionistas que se valem de uma utilização estereotipada do livro didático e de sua vinculação a modelos específicos de conhecimento supõe, inicialmente, considerar as experiências sócioespaciais dos alunos, quando do planejamento do ensino. Feito isso, urge que se promova o contato com conteúdos da cidade e do urbano que lhes dão forma, tarefa possível para aqueles que desejam a concretização teoria-prática, saber-fazer, pensar-agir, e conseqüentemente, exercícios da cidadania.

Mediante o que propõe Oliveira (2014), os profissionais da educação devem buscar melhorias, práticas que favoreçam o aprendizado dos alunos, e diante da situação enfrentada por parte dos alunos aqui em questão (alunos do sexto ano da escola Jardirene), em que parte deles é repetente, é imprescindível trabalhar conteúdos relacionados à realidade deles, local-global e vice-versa, pois ajuda a despertar a curiosidade deles e, por conseguinte, favorecer melhor desempenho. E isso foi visto no decorrer do presente estudo, pois os alunos de ambas as turmas tiveram uma boa atuação no efetuar das atividades. Houve alguns que se destacaram

mais (inclusive da turma repetente), mas, em linhas gerais, foram bastante significativas as participações destes agentes.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aprender e ensinar Geografia são fundamentais, pois permite compreender mais sobre as dinâmicas que acontecem no espaço no qual se faz parte, já que o campo da Geografia abrange vários estudos, tais como: os solos, a água, as rochas, os conflitos, a economia, ou seja, tudo que envolve a relação homem e natureza é Geografia.

Nesse contexto, os estudiosos desse campo de conhecimento têm perpassado décadas de discussões a respeito de como se deve trabalhar a Geografia em sala de aula. Nos últimos anos, autores como Cavalcanti, Callai, Visentini, propõem um ensino de Geografia voltado para a formação de um cidadão crítico e pensante, já que os alunos são sujeitos que atuam frequentemente sobre espaço geográfico. Diante disso, os referidos autores sugerem trabalhar temas que estejam ligados à realidade do aluno, que chamem a sua atenção, e foi isso que se buscou aqui, analisando-se juntamente com os alunos o espaço da feira livre da cidade de Aroeiras, pois além de se tratar de um lugar familiarizado com a maioria deles, essa prática comercial faz parte da história da cidade, que surgiu e foi crescendo por causa da feira.

Dentro desta perspectiva, percebeu-se o quanto o estudo do cotidiano e o trabalho de campo são importantes na construção dos conhecimentos e conceitos geográficos, pois ambos favoreceram os alunos (parte deles repetentes), incitando-os a utilizarem seus sentidos para identificarem as múltiplas paisagens que o ambiente da feira proporciona; tiveram contato com o feirante e, ao realizar a entrevista, puderam observar o quanto a prática comercial estudada é importante para ele; também realizaram alguma compra; então, observaram a dinâmica socioespacial que acontece em um lugar bem próximo da realidade deles, o que torna o estudo mais proveitoso.

Enfim, enfrentar os desafios de um docente do ensino básico não é uma tarefa fácil, mas ser professor é buscar sempre melhorias que possam favorecer o aprendizado dos jovens escolares, e não só o estudo da feira, mas o estudo da cidade, do bairro, da rua, de algum ponto turístico pode favorecer melhor desempenho, principalmente como forma de motivar alunos que já repetiram o ano; é papel do professor procurar conhecer os discentes com quem irá conviver, construir a geografia com eles e, acima de tudo, ter esperança de que irá ajudar na formação de um cidadão crítico e pensante, que vai atuar de forma positiva na sociedade, pois, como dizia Paulo Freire, “educação sem esperança não é educação”.

## REFERÊNCIAS

- ALETEJANO, Paulo R.R e ROCHA-LEÃO, O.M, **Trabalho de Campo: Uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?** Boletim Paulista de Geografia, N° 84, p. 51-67, São Paulo, 2006.
- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. As Feiras Nordestinas na Contemporaneidade Como Fenômeno de Resistência Frente ao Global. In: **II Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Sociedade e Cultura**. 2011.
- BARBOSA, Ana Dayanne Silva. **A FEIRA DE AROEIRAS-PB: COMÉRCIO, CONSUMO E DINÂMICA SOCIOESPACIAL ATUAL** 24 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2015.
- BOECHAT, Patrícia Teresa Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima dos. Feira Livre: Dinâmicas espaciais e relações identitárias. Disponível em: [www.uesb.br](http://www.uesb.br). Acesso em: 28/01/2017 às 15h30min.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2009.
- CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Trabalho docente em Geografia, jovens escolares e práticas espaciais cotidianas. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. São Paulo, Ed. 1ª, Papirus. 2012. p. 109-128.
- DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no Nordeste. **Mercator**– Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13. 2008. p.88-101.
- DOMINGUES, Suzany Maria Barbosa. **A FEIRA DE UMBUZEIRO-PB: ESPAÇO DAS REPRODUÇÕES ECONÔMICAS E CULTURAIS DA POPULAÇÃO**. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.
- DONATO, Alex Junior. **AS INTER-RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS PRESENTES NAS FEIRAS: o trabalho de campo no mercado público das Malvinas como estratégia para o ensino de Geografia**, 34 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2016.
- FAERMAM, Lindamar Alves. **A Pesquisa Participante: Suas Contribuições no Âmbito das Ciências Sociais**. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br>. Acesso em:28/08/2017 às 16h35min.
- KAERCHER, Nestor André. A geografia serve para entender a água, o sangue, o petróleo... serve para entender o mundo, e, sobretudo, a nós mesmos! In: FARIAS, Paulo Sérgio; OLIVEIRA, Marlene Macário de (Orgs.). **A formação docente em Geografia: Teorias e práticas**. EDUFPG, Campina Grande, 2014.

KAISER, Bernard. **O geógrafo e a pesquisa de campo**. Boletim Paulista de Geografia, N° 84, p. 93-104, São Paulo, 2006.

LACOSTE, Yves: **A pesquisa e o trabalho de campo: Um problema político para pesquisadores, estudantes e cidadãos**. Boletim Paulista de Geografia, n°84, p.77-92, São Paulo, 2006.

MAIA, Doralice Sátiro. Cidade, relações campo-cidade e metropolização. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago (Org.). **Geografia: coleção explorando o ensino**. Ministério da educação, Brasília, 2010, pp.183-206.

MARCOS, Valéria de; **Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante**. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, n° 84, p. 105-136, São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, M. J. S. A dinâmica sócioespacial da feira de Cuité/PB. Disponível em: [dspace.bc.uepb.edu.br](http://dspace.bc.uepb.edu.br). Acesso em: 28/01/2017 às 14h30min.

OLIVEIRA, Marlene Macário de. **A cidade e o estudo do meio no ensino de Geografia: Por uma abordagem do urbano ambiental no espaço**. In: FARIAS, Paulo Sérgio; OLIVEIRA, Marlene Macário de (Orgs.). **A formação docente em Geografia: Teorias e práticas**. EDUFCEG, Campina Grande, 2014.

SANTOS, Claudio Ressurreição dos; O Lugar da Feira-livre a Produção do Espaço da cidade Contemporânea: Mudanças e Permanências. In: **X Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE)**, 2013, p. 764-774.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Ed. Hucitec. São Paulo, 1988.

SANTOS, Milton. Configuração territorial e espaço. In: SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 5ª edição. HUCITEC, São Paulo, 1997, p.75 a 84.

SANTOS, Milton; **Espaço Dividido: Os dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. 2ª ed. EDUSP, São Paulo, 2008.

SUERTEGARAY, Dirge Maria Antunes; ROSSATO, Maíra Suertegaray. Natureza: Concepções no ensino fundamental de Geografia. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago (Org.) **Geografia: coleção explorando o ensino**. Ministério da educação, Brasília, 2010, pp.151-163.

VENTURI, L.A.B. **O papel da técnica no processo de produção científica**. Boletim Paulista de Geografia, N° 84, p. 69-76, São Paulo, 2006.

VERDUM, Roberto; PUNTEL, Geovane Aparecida. Espaço geográfico e paisagem. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago (Org.). **Geografia: coleção explorando o ensino**. Ministério da educação, Brasília, 2010, pp.75-88.

VESENTINI, José William. O ensino da geografia na escola do século XXI. In: VESENTINI, José William. **Repensando a Geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade.2009.p. 69-112.

VIEIRA, R; **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá**. 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.